

APRESENTAÇÃO

No momento em que escrevemos a apresentação deste número 69 da *Revista da SEP*, o Brasil está, há cerca de um mês, sem sua maior economista, Maria da Conceição Tavares. Portuguesa de nascimento e brasileira de coração, Conceição foi referência desde sempre, pelos muitos artigos e livros que escreveu e rapidamente se tornaram clássicos. Capacidade teórica prodigiosa, espírito brilhante e explosivo, sempre inconformada com as injustiças sociais, a grande mestra foi uma lutadora infatigável por um Brasil melhor, mais generoso e mais justo. Quando de seu falecimento, em 8 de junho passado, a Sociedade Brasileira de Economia Política publicou em seu *site* uma nota de pesar, que, ligeiramente alterada e um tanto estendida, vai aqui reproduzida, como preito de gratidão por tudo que nos ensinou esta figura incomparável.

Conceição Tavares foi personagem de indiscutível relevo na *economia política do Brasil e da América Latina*, entendida a dupla expressão em escopo amplo, a saber, toda análise da situação econômica, de seus condicionantes e perspectivas, que tenha por pressuposto que é de economia capitalista que se trata. As contribuições teóricas mais relevantes para a interpretação e compreensão das especificidades do desenvolvimento em nosso continente vieram dessa visão. O presente número constitui clara evidência de tal importância, com a presença direta dessa tradição intelectual em pelo menos três artigos.

No primeiro, Carlos Pinkusfeld e Bruno Pereira demonstram a superioridade da abordagem estruturalista latino-americana em face não só da

tradição neoclássica-marginalista, mas também da própria teoria do desenvolvimento, consideradas suas conexões com a economia política clássica. Discutindo as questões relativas à inflação e ao processo de acumulação, os autores apontam que o estruturalismo, assentado por princípio no par dicotômico centro-periferia, produz uma compreensão muito mais profunda não só sobre a natureza do subdesenvolvimento, como também acerca do processo de desenvolvimento enquanto tal. Indicam igualmente que esse aporte pode ser atualizado a partir dos desdobramentos recentes da heterodoxia econômica.

O segundo e o terceiro artigo recolocam em pauta a Teoria Marxista da Dependência (TMD), outra das fecundas vertentes intelectuais geradas pela economia política latino-americana. A fim de enfatizar a importância e a atualidade da contribuição seminal de Ruy Mauro Marini, dois autores, Gabriel Senra e Aline Miglioli, buscam trabalhar, na *Dialética da Dependência*, elementos presentes na crítica efetuada por Augustín Cueva, elementos esses que, segundo eles, ainda não teriam merecido a atenção necessária por parte da recuperação recente da TMD. Já Davisson Cangussu de Souza e seus três coautores visam estudar as determinações da *dependência política* nas formações dependentes, pouco trabalhada, segundo eles, pelas pesquisas atuais em torno da TMD. Ao binômio transferência de *valor-superexploração da força de trabalho*, assinalam, corresponderia, no plano das relações políticas, o binômio *subsoberania-sobredominação*.

No que tange à questão da dependência das economias periféricas em relação ao centro do sistema capitalista, o presente número traz a resenha de Aline Miglioli sobre livro de Víctor Schincariol e Joana Salém Vasconcelos a respeito da economia cubana, publicado ano passado em Londres, *Cuba and the Economic Policies of Peripheral Socialism: Recent Reforms in a Historical Perspective*. Segundo a resenhista, a obra investiga a economia cubana pós-revolucionária, com foco nas reformas implementadas pelo governo de Raúl Castro após 2008, as quais tentaram mitigar alguns dos problemas enfrentados pela economia da ilha, sem comprometer os princípios

revolucionários do socialismo. Miglioli chama a atenção para a adoção pelos autores do termo *socialismo periférico*, indicando (como comprovado por meticulosa análise de indicadores macroeconômicos presente no livro) a persistência, mesmo aí, da relação de dependência.

Mesmo não estando diretamente ligadas àquilo que chamamos aqui de economia política da América Latina e do Brasil, as interpretações decoloniais têm como ponto de partida a crítica a uma suposta universalidade da cultura e da epistemologia eurocêntricas, que estariam na base do imperialismo ocidental, ideia que não é estranha (antes o contrário) às perspectivas que enxergam, *intramuros* do sistema global capitalista, relações de dependência entre regiões/países centrais e regiões/países periféricos. Yasmin Haddad e Margarita Olivera mobilizam a decolonialidade para pensar o emprego doméstico neste país periférico, alertando que, para compreender aqui, em sua completude, esse tipo de emprego, convém ir além das considerações que a abordagem da economia feminista, a despeito de sua pertinência, é capaz de trazer, necessário que é agregar-lhe a perspectiva histórica, com as heranças coloniais e escravistas que moldam nosso presente.

A questão da precariedade normalmente associada ao emprego doméstico, dado o legado histórico que carrega num país como o Brasil, torna-se ainda mais complexa quando a inserimos no contexto maior do nível e qualidade dos empregos que o capitalismo atual é capaz de oferecer. Como já acusaram teóricos do calibre de um François Chesnais, o processo de acumulação instaura, desde os anos 1980, um regime de baixo crescimento, com condições de emprego e trabalho que pioram a cada dia em praticamente todo o globo. Por trás deste cenário sombrio, desponta o debate teórico acerca da tendência, inerente ao capitalismo, de uma estagnação secular. Lucas Ribeiro e Rodrigo Monfardini discutem essa questão contrapondo, de um lado, a abordagem ortodoxa, através do trabalho de Lawrence Summers, que argumenta que a estagnação secular nos países industriais é decorrência de uma taxa real de juros de equilíbrio negativa no pleno emprego, e, de outro, a abordagem marxista, tal como

efetivada no trabalho de Eleutério Prado, para quem a estagnação secular nos países industriais seria decorrência da lei tendencial da queda da taxa de lucro, descoberta por Marx. Para os autores, além da superioridade da segunda interpretação, a mera preocupação com a questão por parte da ortodoxia evidenciaria o reconhecimento de um problema apontado já há muito tempo pela teoria marxista.

A despeito de não ser o objeto direto do livro, a teoria marxista e seu conceito basilar de modo de produção surgem guarnecidos de novas questões, de acordo com a resenha que faz Leda Paulani de livro de Fernando Haddad publicado em 2022. Em *O Terceiro Excluído: Contribuição para uma Antropologia Dialética*, Haddad mira a emancipação humana e defende a necessidade de dialetizar a antropologia e, simultaneamente, antropologizar o materialismo. Metateoricamente, seu projeto é contribuir para o resgate das humanidades, que estariam se deixando biologizar ao expulsarem a contradição de seu repertório. Não obstante reconhecer o caráter disruptivo do capital, que produz uma economia “de pernas para o ar”, para Haddad é no embate entre diferentes culturas, mais do que na relação homem/natureza, que encontraríamos o lugar adequado para situar a contradição, sendo a economia apenas uma de suas expressões. Tal posicionamento impõe questionamentos ao conceito de modo de produção, que tem em sua base, como sabemos, a infraestrutura da produção material e a contradição entre relações de produção e forças produtivas.

Segundo Haddad, dimensão simbólica e temporalidade histórica implicam contradição. O livro resenhado por Tarik Hamdan e seus dois coautores, *The People's Republic of Walmart: How the World's Biggest Corporations Are Laying the Foundation for Socialism*, de Leigh Phillips e Michal Rozworski, parece trazer evidências da verdade dessa afirmação. De acordo com a resenha, publicada neste número, o livro, emblemático do comprometimento de seus autores com a análise marxista da economia política, constitui um esforço interdisciplinar no intuito de examinar criticamente o capitalismo e propor alternativas afinadas com o socialismo democrático.

Para os resenhistas, Phillips e Rozworski sublinham como a dicotomia mercado x Estado (ou capitalismo x socialismo, ou ainda, poderíamos dizer, anarquia x planejamento) não dá conta da realidade das últimas décadas. Conforme a resenha, depois de investigar o importante papel do planejamento nas grandes corporações capitalistas, bem como o fracasso de experiências como a soviética e a iugoslava, esses autores trazem à cena o socialismo democraticamente eleito e com forte participação popular do Chile de Salvador Allende, — para eles uma possível alternativa revolucionária pouco estudada, a par de precoce e brutalmente interrompida.

Descortinar alternativas ao atual modo de vida, cada vez mais comandado pelo capital e pela forma mercadoria do qual se origina, emerge como necessidade imperiosa, sob pena de comprometer decisivamente o futuro do planeta. O XXIX Encontro Nacional de Economia Política, ocorrido entre 11 e 14 de junho do corrente ano, em Marabá (PA), nas dependências da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), trouxe por tema central “O capital na berlinda: emergência climática e o lugar da Pan-Amazônia para o futuro da humanidade”. A Carta de Marabá, aprovada pela assembleia geral da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) ocorrida em 13 de junho, e reproduzida no presente número de sua revista, reafirma a importância crescente, neste momento decisivo da humanidade, da missão da SEP enquanto sociedade científica, qual seja, o de garantir o espaço de reflexão crítica imprescindível à compreensão correta dos impasses hoje vividos. Isso implica congregação da produção de saber científico no campo das ciências sociais, sem prescindir do diálogo direto com os povos imediatamente afetados pelas tragédias climáticas, incluindo-se aí mormente os povos originários, que em suas lutas sociais aportam saberes específicos cuja relevância deve ser reconhecida na construção das alternativas de futuro.

Em estrita conformidade com a orientação editorial desta publicação, os artigos, resenhas e documentos especiais aqui apresentados expressam, em seu conjunto, oposição teórica às correntes ortodoxas, liberais e neoliberais

e mantêm atitude crítica em relação ao sistema capitalista. Considerando que dito sistema coloca hoje em risco a própria humanidade, este número da *Revista da SEP* espera contribuir para o aprofundamento da reflexão e do pensamento crítico, atualmente questão de sobrevivência. Boa leitura!

Comitê Editorial